



**Pró-Reitoria de Graduação
Curso de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso**

**TEIA DA FAMÍLIA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
PSICOSSOCIOLÓGICA COM GRUPO MULTIFAMILIAR NA
CIDADE ESTRUTURAL**

Autora: Luisa Villela Soares

Orientador: Prof. Dr. Jorge Hamilton Sampaio

**Brasília – DF
2012**

LUIZA VILLELA SOARES

**Teia da Família: uma Proposta de Intervenção Psicossociológica com Grupo
Multifamiliar na Cidade Estrutural**

Monografia apresentada ao curso de
graduação em Psicologia da Universidade
Católica de Brasília, com requisito parcial
para a obtenção do Título de Psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Hamilton Sampaio

Brasília
2012



Monografia de autoria de Luisa Villela Soares, intitulada **“TEIA DA FAMÍLIA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIOLÓGICA COM GRUPO MULTIFAMILIAR NA CIDADE ESTRUTURAL**, apresentada como requisito parcial para obtenção do título de psicóloga da Universidade Católica de Brasília, em 19 de Junho de 2012, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof. Dr. Jorge Hamilton Sampaio
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Prof.^a Maria Eveline Cascardo Ramo
Curso de Psicologia – UCB

Prof. Luis Alberto Delgado
Curso de Filosofia - UCB

Brasília
2012

Agradecimentos

À minha família, por compreender e respeitar a importância deste trabalho na minha vida e sempre me incentivarem em minhas decisões.

Ao Prof.º Dr.º Jorge Hamilton Sampaio pela orientação, conhecimento e incentivo nos momentos de incertezas.

Ao meu colega Neimar Sergio pela grande disposição em me acompanhar nessa jornada com tão boa vontade e disposição.

Aos colegas do Projeto de Extensão “Teia do Conhecimento”, que me acolheram e incentivaram na construção deste projeto.

Ao Centro de Ensino Fundamental 01 da Cidade estrutural, por ter me recebido de braços abertos, e por acreditar que ainda podemos fazer diferente.

A Liza, pedagoga do CEF 01 que acompanhou e acreditou nesse projeto, contribuindo com seu conhecimento e carinho em relação ao seu trabalho e a essas famílias.

Aos professores Luis Delgado e Eveline Cascardo pelas contribuições a este trabalho e pela disposição em participar da banca.

Aos professores, colegas e funcionários do Curso de Graduação em Psicologia da UCB.

Em especial, às famílias participantes deste estudo que contribuíram enormemente para a produção deste trabalho e para meu crescimento profissional e pessoal.

Obrigada.

*Pergunto-te onde se acha a minha vida.
Em que dia fui eu.
Que hora existiu formada de uma verdade minha bem
possuída.
Vão-se as minhas perguntas aos depósitos do nada.
E a quem é que pergunto?
Em quem penso, iludida por esperanças hereditárias?
E de cada pergunta minha vai nascendo a sombra
imensa que envolve a posição dos olhos de quem pensa.
Já não sei mais a diferença de ti, de mim, da coisa
perguntada, do silêncio da coisa irrespondida.*

Cecília Meireles

Sumário	Página
1. Resumo	7
2. Apresentação	8
3. Referencial Teórico	9
4. Método	13
4.1 – Participantes	13
5. Instrumentos e Técnicas	14
6. Análise e Discussão dos dados	14
6.1 - Histórias Familiar	14
6.2 - Redes Social	16
6.3 - Configurações Familiar	20
6.4 – Contexto	22
7. Considerações Finais	23
8. Referências Bibliográficas	25

Anexos

Tabela

Resumo

O presente trabalho aborda um projeto de intervenção junto a famílias em uma comunidade carente localizada no Distrito Federal. Por meio de uma metodologia de pesquisa-intervenção com foco na prevenção da violência intrafamiliar e promoção de saúde mental, nos propomos pensar as relações que ali se estabelecem que configuram riscos e potencialidades na vivência cotidiana dessas famílias. Partindo dessa perspectiva, esta investigação explorou o material adquirido nas intervenções com o grupo Multifamiliar do Projeto Teia da Família que ocorreu no Centro de Ensino Fundamental 01 da Cidade Estrutural.

Palavras-Chaves: Psicossociologia, Grupo Multifamiliar, Violência, família, educação e Prevenção.

Resumen

El presente trabajo partió de un proyecto de intervención con familias en una comunidad pobre ubicada en el Distrito Federal. Por medio de una metodología de investigación-intervención centrada en la prevención de la violencia familiar y promoción de la salud mental, nos proponemos considerar en las relaciones existentes en las familias indicadores de riesgos y potenciales para el cambio dentro de la vida cotidiana de estas familias. En esta perspectiva, la investigación exploró el material adquirido en los encuentros del grupo de intervención multifamiliar del proyecto “Teia da Família” que se pasó en la Escuela Primaria 01 de la ciudad Estrutural, DF.

Palabras clave: Psicología Social, Grupo Multifamiliar, violencia, familia, educación y prevención.

Apresentação

Essa investigação está vinculada ao projeto de extensão “Teia do Conhecimento: saberes e saúde na cidade Estrutural” que almeja ouvir e atender as demandas daquela comunidade, especialmente nas questões ligadas ao cotidiano e à saúde que lhes gera sofrimento; uma escuta que visa a que, em diálogo com professores e estudantes vinculados ao projeto, desenvolvam conhecimentos sobre as suas causas e a capacidade de formular estratégias e ações eficazes para a sua transformação no campo da organização política e da promoção de saúde.

Na tentativa de compreender e pensar outros tipos de intervenções junto à comunidade com famílias sentiu-se a necessidade de abrir o espaço da Teia da Família em parceria com a instituição do Centro de Ensino Fundamental 01 da Estrutural, onde se criou um espaço de escuta e acolhimento de demandas que vêm do âmbito das famílias e da escola, com o foco na prevenção da violência intrafamiliar e na promoção da saúde mental. Pretendeu-se, assim, com base no material colhido em pesquisa-intervenção, entender funcionamento dessas famílias, assim como os fatores de risco e de potencialidades para trabalho preventivo.

Nessa investigação optou-se por desenvolver um estudo interventivo a partir das teorias da Psicossociologia e da Análise de Conteúdo. Contudo, alguns conceitos, tais como o conceito família, vulnerabilidade e violência, foram tematizados anteriormente com o objetivo de fundamentar toda a discussão de maneira mais adequada.

Referencial teórico

A Cidade Estrutural está localizada às margens da DF 095 e ocupa uma área de 154 hectares. O Aterro Sanitário do Jokey, também conhecido como “Lixão da Estrutural”, começou na década de 60 após a inauguração de Brasília e, poucos anos depois, surgiram os primeiros barracos de catadores de lixo próximo ao local. No início da década de 90 a ocupação contava com pouco menos de 100 domicílios localizados ao lado do “lixão”.

De acordo com o relatório de Diagnóstico Social do Distrito Federal realizado pela SEDEST (2010) em 2002, 15% dos 20.000 então moradores da Estrutural sobreviviam da coleta de lixo no local, sendo também a região com menor renda familiar média, seguida de Itapoã, Paranoá e Varjão.(2006)

Ainda segundo o diagnóstico social da SEDEST (2010) na análise das situações de indigência (contingente de indivíduos pertencentes a famílias com renda per capita de até $\frac{1}{4}$ de Salário Mínimo), relativa aos membros das famílias beneficiárias dos programas sociais, verifica-se que a existência de 11,5 mil pessoas na Cidade Estrutural dentro desta situação.

Além disso, dados da Polícia Civil de 2007, contido no diagnóstico social da SEDEST (2010), a concentração da violência e criminalidade na Cidade Estrutural é uma das maiores, tendo maior incidência crimes praticados mediante violência ou grave ameaça à pessoa, destacando-se a Quadra 12 e o Lixão (Aterro Sanitário), sendo os crimes mais frequentes o roubo a transeunte e roubo em residência.

Dentro deste cenário é possível imaginar a dificuldade das famílias não só na geração de renda, como na educação de seus filhos e na sustentação de relacionamentos interpessoais sadios diante desta situação de violência e vulnerabilidade social. De acordo com Ministério do Trabalho e Emprego no livro “Aspectos Conceituais da Vulnerabilidade Social” (2009), as situações de vulnerabilidade social devem ser analisadas a partir da existência ou não, por parte dos indivíduos ou das famílias, de ativos disponíveis e capazes de enfrentar determinadas situações de risco. Logo, a vulnerabilidade de um indivíduo, família ou grupos sociais refere-se à maior ou menor capacidade de controlar as forças que afetam seu bem-estar, ou seja, a posse ou controle

de ativos que constituem os recursos requeridos para o aproveitamento das oportunidades propiciadas pelo Estado, mercado ou sociedade.

Araújo (2002) afirma que o impacto da violência estrutural e conjuntural nas relações interpessoais é enorme e afeta profundamente as relações familiares, levando à produção e reprodução de modelos de comportamentos violentos no cotidiano social e familiar, ou seja, muitas destas famílias submetidas a esta realidade de violência social e econômica se tornam mais vulneráveis à reprodução da violência e, muitas vezes, essa violência está no seio das famílias.

Para efeito de esclarecimento, podemos compreender o termo “família” como um grupo formado por um conjunto de relações, que pode ser visto como um sistema composto por pessoas que se relacionam entre si, por parentesco e/ou por se considerarem pertencentes àquele contexto, onde as ações de cada membro são orientadas pelas características intrínsecas ao próprio sistema familiar, mas podem mudar diante das necessidades e das preocupações externas. (DE ANTONI & KOLLER, 2000; DE ANTONI, 2005)

Retomando a temática da violência intrafamiliar, dentro da família a violência possui diversas formas de se manifestar. Um exemplo seriam os abusos físicos, sexuais, emocionais e a negligência (DE ANTONI; BARONE; KOLLER, 2007). A presença de violência intrafamiliar, por exemplo, pode desencadear comportamentos vulneráveis, caso a família não encontre recursos internos e externos para modificar este comportamento (DE ANTONI, 2005).

A partir desta perspectiva a teoria psicossociológica se apresentou, nesta pesquisa-intervenção, como um meio eficaz para compreender as famílias participantes. Isso porque, como uma vertente da Psicologia Social, tem seu campo bem delimitado dentro dos grupos, organizações e das comunidades, que são considerados como conjuntos concretos que mediam a vida pessoal dos indivíduos e são por estes criados, geridos e transformados. (MACHADO & ROEDEL, 1994).

Na visão de Brandão e Costa (2005) é característico da intervenção psicossocial o vínculo com alguma organização da comunidade. A organização é, normalmente, o espaço no qual as relações comunitárias se estabelecem, sendo, assim, o contexto no qual os indivíduos apresentam suas demandas, explícitas ou implícitas. Desta forma,

para a realização desta pesquisa, fizemos parceria com a escola como uma porta de entrada para esta comunidade.

Em se tratando de demanda na visão da Psicossociologia, toda demanda é, ao mesmo tempo, uma demanda de objeto, endereçada a um outro compreendido como capaz de supri-la, o que torna inerente a isso uma relação de poder e dominação; e uma dimensão não explícita, do plano da psicologia, expressa um desejo, uma falta mais difícil de ser percebida chamada de demanda de amor (LÉVY, 1994).

Ainda segundo Brandão e Costa (2005) as famílias buscam as instituições que ali se situam com demandas de objeto, porém na maioria das vezes não há uma escuta do que está por de trás desse pedido, ou seja, a demanda de amor é geralmente devolvida como uma nova demanda de objeto, assim se criando uma relação dialética.

A Cidade Estrutural, pela sua história e realidade atual, é palco de diversas vivências no âmbito familiar e social que são atravessadas pela violência e falta de recursos. Diante deste contexto é necessária a viabilização de práticas que promovam a saúde mental e previna a violência na estância mais básica da vida de um ser humano, a família.

Desta maneira podemos citar Dabas (1995) que considera fundamental que a intervenção comunitária seja focada nas relações familiares, comunitárias, institucionais. Ressaltando a possibilidade de intervir junto a famílias de baixa renda, a partir do resgate do reconhecimento e das competências, contribuindo também com a mobilização das redes.

E dentro desta perspectiva de trabalho com redes podemos considerar uma modalidade chamada de terapia multifamiliar.

A terapia multifamiliar consiste no encontro de um grupo de famílias com características e modalidades próprias diversas em que estão presentes várias gerações que atuam entre si. Cada participante tem a possibilidade de ver os demais em interação [...]. As famílias se convocam para ajudar a solucionar o problema de uma e de todas, gerando-se um verdadeiro efeito de rede [...]. A presença de outros permite revisar as crenças que cada família sustenta [...] e abre dúvidas acerca dos pressupostos mantidos rigidamente através do tempo [...]. A interação entre pares torna-se facilitadora da mudança. As pessoas se aliviam ao descobrir que outros compartilham seu problema e que transitam

por caminhos semelhantes. (NARVAZ apud RAVAZZOLA, 1977, p. 301-302).

Os Grupos Multifamiliares se apresentam como um instrumento que alcança tais objetivos bem como demonstram eficácia no alívio de tensões, compartilhamento de sentimentos e ampliação da consciência sobre os problemas enfrentados e a busca de soluções (COSTA, 1998)

Segundo Narvaz (2010) a troca e ajuda mútua entre pessoas de um grupo se constitui como agente terapêutico peculiar, pois oportuniza ao indivíduo reconhecer o outro e exercitar a capacidade de se reconectar e sentir-se apoiado. Sendo assim as famílias participantes podem encontrar apoio umas nas outras.

Considerando que a violência intrafamiliar e a saúde mental estão diretamente relacionadas à qualidade das relações familiares e sociais, a presença do abuso físico intrafamiliar denota a fragilidade das relações e a vulnerabilidade da família. Revela também a dificuldade de vinculação dos membros no contexto familiar, com baixa coesão entre eles e estrutura hierárquica com centralização de poder na figura parental (De ANATONI, 2005).

Podemos considerar, então, que os indicadores de proteção dentro do sistema familiar são, geralmente, classificados em dois grupos: fatores pessoais e recursos do ambiente. Os fatores pessoais são evidenciados pelo componente biológico, como a saúde física e o temperamento e pelas experiências com o meio ambiente social, como a autoestima e a confiança. Os recursos do ambiente são demonstrados pelas condições socioeconômicas e pela rede de apoio social e afetiva existente. (ARAUJO apud ECKENDORE e GORE, 1996).

Método

Essa investigação trabalhou com a perspectiva teórica da Psicossociologia que por si só já é uma metodologia que pressupõe a prática interventiva na construção do conhecimento, e essa prática é conhecida como pesquisa-intervenção ou, em termo mais genérico, pesquisa-ação, que é um tipo de investigação-ação, que segue um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhoria de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação (TRIPP, 2005).

Sendo assim a Psicossociologia, por ser uma teoria que destaca o campo da subjetividade e do simbolismo, considera que a pesquisa se fundamenta na análise qualitativa dos dados para a compreensão de fenômenos específicos e delimitáveis, pois, geralmente, esses abarcam questões mais complexas que os métodos quantitativos não abordam.

Foram realizados 6 encontros. Destes, um foi uma reunião explicativa do projeto e os 5 demais do grupo Multifamiliar. Cada encontro teve a duração de 2h30min.

Para esta pesquisa foram analisados os áudios transcritos dos encontros do grupo multifamiliar.

Participantes

Foram convidadas ao todo 50 famílias, indicadas pela equipe pedagógica do Centro de Ensino Fundamental 01, que eram consideradas como “famílias problemáticas”. Deste grupo participaram deste estudo 8 famílias (pai, mãe e filhos) de nível socioeconômico baixo, que se inscreveram por vontade própria no projeto Teia da Família.

Instrumentos/Técnicas

Ao todo foram realizados seis encontros do grupo multifamiliar, sendo o primeiro para apresentação do projeto e inscrição (ANEXOS I e II) das famílias interessadas e o último encontro para devolução dos resultados da pesquisa. Os encontros tiveram a duração de 2h30min cada um e a equipe foi composta por dois psicólogos graduandos e a pedagoga da instituição.

Durante os encontros foram abordados os temas de educação dos filhos, relacionamento do casal, história de vida e da família, dificuldades cotidianas, leis, religião e comunidade, de acordo com que o grupo ia trazendo.

Para coleta dos dados utilizamos a gravação em áudio e transcrição dos encontros do grupo e a partir desse material foi realizada a análise de conteúdo. Segundo Bardin (2009), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações.

Análise e Discussão dos Resultados

Durante a categorização dos dados segundo Bardin (2009) foram encontradas 04 categorias: História familiar (transgeracionalidade, valorização do passado e/ou presente) / Rede Social (pessoas e instituições)/ Configuração familiar (Estrutura, dinâmica e comportamento) e Contexto (Cidade Estrutural e suas características)

História Familiar

Nesta categoria são trazidas pelas famílias questões de como eram suas famílias de origem, relacionadas aos aspectos da educação, trabalho, convivência e afetividade. Segundo Bareicha e Ribeiro (2009) quando nos referimos à repetição de padrão interacional de uma geração para a outra, não pensamos a partir do ponto que o passado determina a organização do sistema atual, mas que o sistema seleciona o que vai levar para sua própria história. Tal posição pode ser percebida no depoimento de “E” quando

assim se expressa: *“Quando o pai e a mãe trabalha e não têm tempo pra ficar olhando o filho, têm que criar é dentro de casa! Eu digo que eu fui criada dentro de casa e não tenho que reclamar que minha mãe... minha mãe saía para trabalhar e deixava era 7 filhos, e nós fomos criados todos dentro de casa, bom foi pra educar a gente. Se a gente tivesse ficado na rua, hoje o que a gente seria talvez? Eu acho que menino tem que cortar o nó pela raiz.”*

Nesse mesmo sentido da história familiar, a violência se torna justificada pela transgeracionalidade, como se vê neste depoimento de “P”: *“Botar de castigo... eu tô para arrancar os joelhos dela! Eu coloco mesmo de castigo, eu fui ensinada assim”*

Muitas das famílias em seus relatos buscaram justificar, através de suas histórias, a sua conduta e postura diante de sua família. Histórias estas marcadas pela violência, porém não compreendidas como tal. Há uma naturalização da violência, que muitas vezes impossibilita a percepção do outro, principalmente da criança, que nesse espaço familiar surge como apenas mais um a colaborar com as atividades da casa. E essa criança também interioriza essa violência como uma forma de se relacionar no mundo. Alguns até mesmo justificam como se a criança fizesse por onde receber as devidas correções. *“Ela não estava nem aí, batia mesmo! Agora meu pai era o seguinte, ele apontava o dedo para o rumo de casa eu já sabia que era pra ir embora! Ele jogava, ele bebia, ele fumava, e ele dizia, que: - Vocês com 15 anos, eu posso até ver vocês bebendo, agora se vir fumando eu quebro a boca! E quebrava mesmo, mas nunca encostou a mão em mim, 11 filhos que ele teve, nunca encostou a mão. Agora minha mãe não, teve um dia que ela pegou um pau, e arrebentou na cabeça da minha irmã que até sangrou. Tava de rebeldia, tava fazendo coisa errada.”* (R.)

E em muitos momentos foi exaltado como o passado era melhor que os dias atuais, pois os filhos eram mais obedientes aos pais e professores, e homens e mulheres eram de “verdade”, pois tinham responsabilidades e pulso firme. Segundo as autoras Venturini, Bazon e Alves (2004) a violência doméstica poderia ser a expressão do excesso do poder disciplinador e coercitivo dos pais ou responsáveis, que faz da vítima um objeto, desrespeitando seus direitos fundamentais, à vida, à liberdade, à integridade física e a segurança. *“Tem um mês que ele está de castigo, tá sem sair, sem brincar, sem fazer o que ele gosta, eu falei para ele, que eu não encosto mais a mão nele, eu tiro o*

que ele gosta! Ele me disse que preferia apanhar do que ficar de castigo... mas agora tá mudando tá dando mais resultado!” (N.)

Apesar de as famílias valorizarem bastante o passado são capazes de escrever suas histórias e de dar valor aos seus filhos; e os sentimentos de valorização (DE ANTONI; BARONE; KOLLER, 2007) são tidos como protetivos a partir do momento que favorecem a construção da autoestima da família ou de seus membros. Assim como podemos perceber na fala de “N.”: *“Nossa, lá em casa é meu filho! O meu filho faz uma comida! Ele tá com 14 anos, mas a comida dele é deliciosa... ele já foi muito difícil! Hoje ele está ótimo! Até dá aula de judô, numa escolinha aqui”* Outra mãe revela conversa com seu filho: *“qualquer pessoa no mundo pode desistir dele, mas que eu não vou desistir! Disse ainda que um dia eu ainda ia vê-lo como um advogado, um engenheiro... ai quando eu falo isso para ele chega ele se enche!”(M)*. Entretanto não se mostrou uma prática comum entre esse grupo de famílias.

Rede Social

No segundo eixo, Rede social, podemos compreender ainda segundo (DE ANTONI; BARONE; KOLLER, 2007) que a rede de apoio está relacionada às instituições e pessoas com as quais a família pode encontrar algum tipo de suporte emocional, moral ou até mesmo financeiro. Neste ponto são evidentes algumas problemáticas postas por essas famílias. No campo das instituições a escola é tida como fonte de prazer e sofrimento no momento em que há um constante movimento de crítica por parte da instituição em relação a essas famílias. “P”: *“Eu falei com uma professora: - Você sabe os avestruz? Eu tava querendo fazer igual eles, enterrar a cabeça, eles já estavam me telefonando, sabe porque? Eles escreviam recados e ela rasgava tudo, e não me entregava. Eles ligavam: - mãezinha não tem como você vir na escola? Eu já pensava comigo... Pronto, mais uma...”* A escola diz às famílias quando estas estão sendo incapazes de educar seus filhos.

Porém, também há uma busca por reconhecimento destas mesmas famílias “N”:
“Os professores mesmo, na última reunião, disseram que não tinha nenhuma reclamação com o Matheus, eu saí da escola sorrindo para as paredes, porque

antigamente eu saia daqui só o bagaço mesmo". Sendo um espaço de convivência comunitária, a escola demonstra grande potencialidade em ser uma rede de apoio as essas famílias, quando parte do ponto de não apenas criticar, mas viabilizar soluções. Ainda na fala de "N": *"E a gente tem que aprender isso, às vezes a gente aprende chorando, eu passei muita vergonha aqui na escola, muita vergonha mesmo! Com o Matheus, mas graças a Deus ele tá mudando, mas por que eu mudei com ele!"*

As instituições religiosas também se mostram como uma forte rede de apoio (DE ANTONI; BARONE; KOLLER, 2007 apud WALSH 1996). Os autores descrevem a religiosidade como um fator de proteção, pois, segundo sua visão, a religião ajuda a desenvolver valores morais e espirituais que proporcionam suporte emocional para que as pessoas lidem com os sofrimentos vivenciados. É trazido por "E": *"Eu tenho esses dois filhos meus, e graças a deus eles são uma benção na minha vida! Muito eu oro por eles, e não paro de preocupar, porque do jeito que as coisas andam..."*. A mesma mãe continua a falar sobre o outro filho: *"Vai para igreja direitinho, não me preocupo, ele pega a bibliazinha dele e vai e vem sozinho para a igreja, que ele tá em uma eu tô em outra, ele não quis vir para a minha e eu disse que não iria forçar. Aí ele vai para a igreja dele eu vou para a minha, às vezes eu vou lá na dele pra visitar."*

A igreja é considerada como local seguro, onde se é possível conhecer pessoas de bem, tendo em vista os riscos percebidos pelas famílias na cidade Estrutural. *"amizade se faz na igreja, você não vai fazer amizade lá na rua"* (E) e Ainda continua: *"Na igreja. É o único lugar assim... não vamos dizer em segurança... mas é o único lugar que pelo menos ouve a verdade de alguma coisa. Eu acho que assim eu tô no caminho certo"*.

Já no que tange a instituição da justiça, sejam elas as leis propriamente ditas, a polícia ou o juizado de menores, há uma relação marcada pela rejeição e reconhecimento nas suas mais diversas formas, sendo tema recorrente nas falas do grupo: *"filho que não obedece acaba apanhando da polícia! E lá eles metem a mão na cara, bate ali e aqui... e lá não tem isso não, não tem essa historia de instituto de menor com eles lá não! Quem não obedece a pai e mãe obedece a policia e lá não tem espaço nem para falar!"* (M). É relatado o constante abuso de autoridade da polícia na cidade Estrutural, onde não só tomam condutas agressivas com os "suspeitos" diante de todos no próprio posto, como culpabilizam as famílias, principalmente as mães, por

incompetência na educação de seus filhos. *“tem muita mãe que vai na delegacia e passa é vergonha! O filhos tudo preso ela chorando e passa é vergonha! Mas tenha certeza de quantas vezes ela não falou!”* (N).

Outra queixa recorrente é em relação ao Juizado de Menores, que na comunidade se torna um inimigo das famílias que possuem padrão relacional violento, como também se torna um instrumento de vigia e controle de vizinhos e até mesmo da própria escola. *“Você sabe por que os meninos estão desse jeito? Porque naquela época não tinha essa história de instituto de menor, de não bater, de isso e de aquilo!”* (E). *“Eu educo do meu jeito! O conselho tutelar não te dá nada! Nunca deu um calçado para meus meninos, agora... a mãe tem que ralar para comprar comida, a mãe tem que ralar pra comprar calcinha, a mãe tem que ralar para comprar tênis... a mãe fica com fome para dar de comer aos seus filhos”* (M).

De Antoni, Barone & Koller, (2007) acreditam que os pais enfrentam um desafio constante em relação às práticas disciplinares. Os modelos aplicados em suas famílias de origem, como a punição corporal, são contestados pela sociedade atualmente e passíveis de intervenção jurídica (ECA, 1990). Algumas famílias de fato acreditam que perderam sua autoridade com a lei que impede o uso da violência para correção dos filhos: *“O pai e a mãe perderem a autoridade, eles só têm o direito de ficar com o menino chorando de madrugada”*. *“Eu costumo falar lá na minha casa, eu não bato eu não judio, mas o instituto do menor lá na minha casa sou eu! Sabe porque? Porque fui eu que fiquei noites e noites acordada lá com filho, não maltrato meus filhos, eu trato da maneira que sei que tem que ser tratado”*. Ambos os depoimentos são de “E”.

Porém há uma compreensão de sua importância também, como se pode perceber na fala de “N”: *“A questão da lei é complicada também, porque ao mesmo tempo em que dá desvantagem para a gente porque não pode bater, também está para eles... E aí eu digo: se não é a lei, o que vai ser dessa criança? Vai morrer espancado!”*. Eles compreendem então por violência apenas a agressão constante ou de grande intensidade e que gera algum tipo de machucado visível. Inclusive também utilizam desses indicadores para controlar vizinhos e conhecidos. *“Nesse dia eu fiquei com tanta raiva que falei para ela que se ela continuasse batendo no filho o conselho tutelar ia bater em cima dela e ela iria parar na cadeia!”* (S)

Entretanto quando ocorre com a sua própria família a proporção é outra. É como se o ato delas não configurasse o mesmo tipo de agressão e a criança se posicionasse a ponto de proteger sua família, pois tão pouco percebe como violência. *“Eu andei dando umas chineladas nela e ela faz aquele escândalo! Quem passa pela rua parece que está espancando. Já foi policia na minha porta, vizinho já denunciou... e já falei que é para levar para ver se de fato eu estou espancando... e o vizinho fala que escuta e ela mesmo responde que ela fez o erro ela que tem que assumir! Quem dá a comida é a mãe e o pai! Então vocês cuidem da vida de vocês que eu cuido da minha! Ela é uma benção!”* (P). (VENTURINI, BAZON & ALVES 2004 apud GUERRA, SANTORO & AZEVEDO, 1992) enfatizaram que a sujeição de jovens a diversas formas de maus-tratos no ambiente familiar pode ter duração indefinida, devido à sacralidade dessa instituição e à autoridade que os pais exercem sobre seus filhos, impondo-lhes um pacto de silêncio e, por vezes, de cumplicidade.

Ainda na categoria Rede de Apoio há o indicador de pessoas que participam da vida dessas famílias. Muitas famílias relataram ter poucas pessoas em que possam ter apoio, ou em caso de família extensa ser o apoio da mesma. *“Na minha família só conto com minha mulher...”* (R). *“eu procuro não pedir, entendeu? Nas vezes que eu precisei minha mãe me ajudou.”* (S). *“A minha família, quando tem um problema vem todo mundo em cima de mim”* (O), o que indica que a rede de apoio da família está reduzida. A falta de uma rede de apoio social pode resultar no isolamento da família, principalmente aquelas que vivem em comunidades sem recursos. Isolamento social é ter poucos amigos, não se relacionar com vizinhos ou parentes e não ter acesso a serviços de saúde e sociais (DE ANTONI; BARONE; KOLLER, 2007 apud BURGESS & COLS., 2000). Apenas “E” relatou ter um bom suporte de seus irmãos: *“Tenho 6 irmãos e todo dia eu ligo para eles, brinco, eu gosto de brincar! O dia que eu não ligo eles já ligam para saber o que aconteceu, quando pensa que não, eles já vêm aqui em casa. Eu gosto dos meus irmãos e da minha família, sabe? É bom poder contar com a família. Eu posso abrir a boca e falar: eu tenho uma família”*.

Configuração Familiar

No eixo de Configuração Familiar, as oito famílias participantes da pesquisa possuíam mais de um filho, sendo, pelo menos um deles, adolescente. Todas as famílias possuem origem em outra cidade ou estado e ainda possuem uma convivência mínima com alguns de seus membros. E três de 8 famílias já passaram por uma ou mais separações conjugais. *“Eu também criei meus quatro filhos sozinha, eu separei com um na barriga, um no colo, um na barra da saia e outra mais grandinha, eu criei tudo sozinha; eu tenho 10 anos de separada, sozinha, cuidando desses meninos, e eu sempre falo para eles ter cuidado que lá fora é pesado!”*(M). Em duas famílias há a adoção de mais um filho. Um fato que surge em algumas dessas famílias pela configuração de filhos de pais diferentes é que essas mães estabelecem limites para a atuação de seu parceiro na educação dos filhos, muitas vezes não lhe permitindo exercer autoridade e dar ordens para filhos não biológicos, sobrecarregando-as na tarefa de educar esses filhos.

No que tange o comportamento dos filhos e educação, Bee (1997) traz o ingresso na adolescência como uma das fases onde o adolescente tende a confrontar ordens e regras estabelecidas e os pais usam de força física como recurso para impor sua vontade e tentar controlá-los, o que os torna mais propensos ao abuso físico parental. *“Ele é muito teimoso, eu falo: fulano faz isso, ele não faz... esses dias ele tá de castigo e está sem ir jogar bola, agora quando passa do limite eu desço a mão na orelha! Eu falo uma, duas vezes... Não me ouviu eu desço a mão na orelha, para dar aquele susto, entendeu?”* (M).

Os pais justificam que os adolescentes querem buscar independência, porém ainda não possuem o discernimento necessário. *“Eles querem buscar... encontrar coisa nova, como você quer dizer... mas só procuram o que não presta! Não todos! Mas alguns... menininha nova hoje, a mãe pensa que tá na escola... não é... diz que vai e não vai! Engana a mãe, engana o pai...”*(M) atitude essa que no contexto da comunidade onde vivem pode ser extremamente perigosa. *“Tive uma prima que falava que ia para escola, a última notícia que recebemos foi quando a policia chegou na casa da minha tia e disse: - Olha sua filha está morta dentro do rio! É isso que você quer para eles? E minha tia pensou que a bichinha estava na escola! Apenas 12 anos! Entendeu?”* (N). Uma das mães relata seu terror quando sua filha de 13 anos resolveu dormir fora de

casa: *“Quando eu voltei do serviço ela já tinha saído de casa, passei a noite todinha em claro, todinha procurando de rua em rua. Toda hora que a cachorra batia no portão já pensava comigo: - Pronto já jogaram ela aí no portão é bem morta!”* (P).

E devido a esses fatores de risco os pais tornam-se cada vez mais rígidos, como forma de tentar proteger seus filhos. *“Você coloca uma ordem para seu filho, mesmo ele não gostando ele tem que acatar, porque você mandou, ela querendo ou não! Ela é menor de idade, se ela for para aquele córrego, deus me guarde, mas for estuprada, assassinada, igual a colega do meu filho que tinha 12 anos quando foi assassinada ali naquele córrego, os caras fizeram o que quis com ela e depois a matou! Entendeu? E depois quem é o responsável? A primeira coisa que vão te perguntar é porque você deixou sua filha de 13 anos sozinha em casa”* (N). As famílias compartilham as experiências difíceis, e buscam soluções a qualquer custo: *“a gente não quer ver o filho da gente preso nem assassinado, porque eu te garanto que a mãe da coleguinha não vai chorar como você vai chorar pela sua filha não, não vai mesmo! Agora faz igual o que ela disse, experimenta, tira tudo que ela tem”* (M).

“A gente tem que ter sabedoria, tem que ter o pulso firme porque hoje em dia está difícil, e essa história de falar que tá indo pra córrego, minha filha fica esperta porque aquilo ali é um perigo. Esses homens velhos, hoje em dia homem velho tá mais sem vergonha que homem novo! Tem que ficar preocupado!” (O).

Inclusive buscam controlar as amizades dos filhos como uma forma de impedir que os mesmos se envolvam com “más companhias” e recaiam no uso das Drogas Ilícitas. *“Eu peço e oro a Deus para os meus meninos não caírem em tentação! Porque é triste! Eu me coloco no lugar de muitas mães aqui da Estrutural! Eu também oro por elas, por que tem muita mãe que sofre com os filhos nas drogas, meninos de 13, 14 anos estão tudo aí na droga! E eu rezo ainda mais pelos meus filhos, para não cair em tentação, por que eu sei que não é fácil. Sabe? É muito triste, eu me coloco no lugar de muitas pessoas e muitas mães, chega meu coração dói! Vê seus filhos nas drogas, viciados... só Deus!”* (P).

Contexto

Borges e Ribeiro (2004) afirmam que a violência intrafamiliar, assim como a violência em geral, são fenômenos complexos, que resistem a uma análise simplista. As autoras alegam que para qualquer discussão sobre o tema é necessário levar em consideração aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos que estão presentes no contexto em que surge o ato violento. “Em lugares marcados pelo desamparo social ou pela pobreza, a lógica do direito é substituída pela lógica da violência”. (PENSO, RAMOS & GUSMÃO 2004 apud CARRETEIRO, 2001)

O Contexto sócio geográfico onde se desenvolve a trama dessas famílias é a Cidade Estrutural. Como já descrito no referencial teórico é uma cidade marcada pela pobreza extrema e altos índices de criminalidade, porém uma de suas características mais marcantes é a identidade sócio-política do local. As famílias que ali vivem, batalharam durante muitos anos por aquele espaço localizado mais perto do centro da cidade. “*Eu gosto daqui da Estrutural. Eu já vim de lá da Ceilândia, daqui só vou se for mais para frente! Não voltando para trás!*” (E). Mesmo enfrentando preconceito há algo da cidade que participa da construção da identidade dessas famílias. “*tem parente meu que mora lá em Planaltina, que é mais longe que a Estrutural, o pessoal sai da Ceilândia e visita lá, e aqui eles não vem!*” (O).

Relata “R” que: “*O perigoso da Estrutural é aquele negócio, que todo mundo tá correndo perigo! Essa semana aí mesmo, aula que é às 20h30 teve tiro, eu não vim para o colégio, até porque eu não vim para o colégio essa semana, o perigo que a gente passa é esse...*”. Essa violência presente no cotidiano das relações sociais é refletida diretamente na vida familiar. As famílias reproduzem dentro de casa a violência sofrida no contexto social mais amplo. (PENSO, RAMOS & GUSMÃO, 2004). A mãe “N” falando sobre o medo de que a polícia bata em seus filhos e o que é dito à mãe quando isso ocorre: “*sabe o que fala na cara deles quando pega eles? Tua mãe te colocou no mundo e não te educa! E a educação deles deus me livre é porrada!*”.

Ainda Penso, Ramos & Gusmão (2004) trazem a hipótese que dentro do contexto de incertezas e exclusões múltiplas vivido por grande parte da população brasileira, a violência torna-se uma forma de lidar com a realidade. “*a gente que é mãe tem que lutar até a última lágrima, porque se mais tarde seu filho morre você vai chorar, e amigo e mãe de coleguinha nessa hora não tem. Menino fala: - Mãe meu*

coleguinha morreu! A mãe fala: - Ah morreu? Quem tem que chorar é a mãe dele! Mas sabendo que mais tarde pode ser o filho dela! Entendeu? Esse mundo nosso é assim!” (M). Segundo as autoras (2004) a violência sofrida pelas comunidades carentes, é causada pelo enfraquecimento do Estado em cumprir seu papel na garantia do bem-estar de seus membros assim como em assegurar o cumprimento das leis, e essa responde com mais violência, como forma de garantir sobrevivência. E assim as famílias reproduzem em seu seio essa batalha diária para dar conta de sobreviver e educar os filhos nesse contexto desafiador. *“A luta é maior ainda para seus filhos também não entrarem também. É isso... a nossa vida é essa, a gente tem que lutar pelos nossos filhos!”* (R).

Considerações Finais

A violência que essas famílias utilizam para educar seus filhos é, diante do contexto em que se inserem, uma tentativa de proteção de seus filhos; elas visam, a qualquer custo, impedir que seus filhos desviem para as drogas, crimes e até mesmo sejam vítimas de crimes já vistos anteriormente como algo comum na realidade em que vivem. Apesar de aparentar ser um sistema familiar violento e agressivo, ele é protetivo. Há dentro de sua organização espaço para carinho e cuidado, dentro de suas especificidades.

A Lei é vista como inimiga por diversos fatores, os pais temem que seus filhos apanhem da polícia desta forma se sentem autorizados a bater primeiro como maneira a evitar que apanhem depois. Porém, com essa prática, temem que o Juizado de Menores bata em suas portas, o que lhes gera um sentimento de perda de autoridade e vigia constante. Famílias, escola e vizinhos passam a se vigiar constantemente e têm como arma o juizado, o que por sua vez pode influenciar na redução da rede social de apoio dessas famílias e o potencial da comunidade para que se articule a união no sentido a se proteger e colaborar na vida cotidiana.

A escola é fonte de apoio e de crítica na comunidade. Mães sofrem com as críticas dos professores, porém se sentem valorizadas e capazes quando os filhos têm bom desempenho e são reconhecidas por isso. Ainda dentre as instituições a igreja é, certamente, a que mais possui caráter de suporte e articula, com os fiéis, uma rede social

de apoio. Entretanto, existe uma ambigüidade nessa relação, ao participarem desses grupos as famílias encontram suporte, mas em muitos momentos a família cede seu poder de decisão ao líder religioso, que é a figura de poder e conhecimento.

Segundo a autora De Antoni (2005):

“O construto de resiliência familiar também abrange vulnerabilidade e poder regenerativo. Refere-se à habilidade para minimizar o impacto perturbador da situação estressora, através de efeitos que influenciam as demandas e desenvolvem o encontro de recursos. Os elementos básicos para a resiliência familiar incluem o processo de coesão, flexibilidade, comunicação aberta, resolução de problemas e sistema de crenças firmes, bem como o apoio da comunidade ao prover segurança e estabilidade financeira, apoio social e o sentimento de estar conectados a uma rede de relacionamentos, religião e outros grupos afins.” (p. 27)

Costa (2004) traz o Grupo Multifamiliar como um modo de sair do enfoque assistencialista e dicotômico da relação de instituição detentora do conhecimento que ensina as famílias. Buscando atingir e intervir nas interações familiares e com isso buscando o potencial dessas famílias. Penso, Ramos & Gusmão (2004) trazem uma crítica às propostas assistencialistas que, segundo elas, vem como uma forma de manter as famílias em condição de inferioridade, desigualdade social e de incompetência frente a tarefa de cuidar e educar os filhos; afirmam que gradualmente a sociedade, da maneira como vem se organizando, destitui a família do lugar de provedora das necessidades de seus membros, atribuindo a essa família características ligadas à pobreza, descuido, vício, abandono, muitas vezes acusando essas famílias de serem “criadoras de delinquentes”

O intuito do Projeto Teia da família foi abrir espaço para conhecer e compreender melhor a experiência cotidiana das famílias moradoras da Cidade Estrutural localizada no DF e, que dentro deste espaço de escuta e acolhimento, as mesmas tivessem a oportunidade de aumentar sua rede social de apoio e por meio desse compartilhamento de vivências no âmbito da família, comunidade e escola, pudesse se articular e perceber não apenas suas deficiências, mas principalmente suas potencialidades o que, por si só, é transformador.

Referências

ARAÚJO, M.F **Violência e abuso sexual na família**. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 7, n. 2, Dec. 2002 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000200002&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Oct. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722002000200002>.

BARBIER, R, **Pesquisa-Ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA,1985. pag 168 a 169.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2009.

BORGES E RIBEIRO (2004) **Violência intrafamiliar: um olhar sobre a dinâmica da família violenta** in: COSTA, L.F; RIBEIRO, M. A. (Org). *Família e problemas na contemporaneidade: reflexões e intervenção no Grupo Socius*. Brasília: Universa, 2004. P. 45 a 70.

COSTA, L.F. Reuniões multifamiliares: condição de apoio, questionamento e reflexão no processo de exclusão de membros da família. **Ser Social**. Brasília, 1998.

COSTA, L.F (2004) **Grupos Multifamiliares: Construindo uma metodologia para a psicologia clínica na comunidade**. in: COSTA, L.F; RIBEIRO, M. A. (Org). *Família e problemas na contemporaneidade: reflexões e intervenção no Grupo Socius*. Brasília: Universa, 2004. P. 123 a 156.

COSTA, Liana Fortunato; BRANDAO, Shyrlene Nunes. Abordagem clínica no contexto comunitário: uma perspectiva integradora. **Psicologia Social**. Porto Alegre, v. 17, n. 2, Aug. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000200006&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Sept. 2011.

DABAS, E.N. **A Intervenção em Rede. Nova Perspectiva Sistêmica**, Rio de Janeiro: Vozes, 1995. n6, pg.5-18.

DE ANTONI, C. **Coesão e hierarquia em famílias com história de abuso físico**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2005. <<http://www.msmedia.com/ceprua/ClarissaDeAntoni.pdf>>. Acesso em: 15/10/2011

DE ANTONI, Clarissa; BARONE, Luciana Rodriguez; KOLLER, Sílvia Helena. Indicadores de risco e de proteção em famílias fisicamente abusivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 23, n. 2, June 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000200002&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Oct. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722007000200002>.

DE ANTONI, Clarissa; KOLLER, Sílvia Helena. A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. **Estudos de Psicologia**. (Natal), Natal, v. 5, n. 2, Dec. 2000. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2000000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Oct. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2000000200004>.

DEDECCA. **Aspectos Conceituais da Vulnerabilidade Social**. Brasília – DF, 2009. Available from <http://www.mte.gov.br/observatorio/sumario_2009_TEXTOV1.pdf>. access on 10 Octubre. 2011

GDF (História SIA/Estrutural)
http://www.scia.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=12064> Acesso em: 08/09/2011

MATA MACHADO, M.N. (Orgs.) **Psicossociologia. Análise social e intervenção**. Petrópolis: Vozes. 1994, pg.7

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego. (Coord.) Claudio Salvadori

NARVAZ, Martha G. Grupos multifamiliares: história e conceitos. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 3, n. 1, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822010000100001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 set. 2011.

PENSO, RAMOS & GUSMÃO (2004) **A violência na família: Reflexo da exclusão social** in: COSTA, L.F; RIBEIRO, M. A. (Org). Família e problemas na contemporaneidade: reflexões e intervenção no Grupo Socius. Brasília: Universa. 2004. P. 71 a 86.

RAVAZZOLA, M.C. **A família como grupo e o grupo como família**. In: D. ZIMERMANN; L.C. OSÓRIO (eds.), Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 293- 04.

RIBEIRO, A. M; & BAREICHA, I.C. **Investigando a transgeracionalidade da violência intrafamiliar**. Em M. A. Penso & L. C. Fortunato (Orgs.), Transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa a intervenção (pp. 251-281). São Paulo: Summus. 2008.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. **Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 23, n. 4, dez. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 out. 2011.

SEDEST - **Diagnóstico Social do Distrito Federal** (http://www.sedest.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=11136). 2010. Acesso em: 18/10/2011

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, Dec. 2005. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300009&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Oct. 2011.

VENTURINI, Fabiola Perri; BAZON, Marina Rezende; BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Família e violência na ótica de crianças e adolescentes vitimizados. **Estudos e pesquisa em psicologia**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jun. 2004 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 maio 2012

ANEXO I**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA – UCB
CURSO DE PSICOLOGIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada “**Teia da Família: Uma Proposta de Intervenção Psicossociológica com Grupo Multifamiliar na Cidade Estrutural**”, sob a coordenação do Prof. Dr. Jorge Hamilton Sampaio, Diretor de Programas Comunitários - PROEx da Universidade Católica de Brasília.

Mesmo que aceite participar, você tem o direito de recusar-se a responder as perguntas que lhe ocasionem constrangimentos de qualquer natureza, não sendo necessário esclarecer as razões para tal decisão, caso ocorra. Além disso, você pode se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalização ou prejuízo.

Seus dados pessoais não serão divulgados. A privacidade sobre os dados confidenciais envolvidos na pesquisa será respeitada e seu tratamento ocorrerá em conjunto com o dos demais participantes. Sua participação na resposta ao questionário não incorrerá em custos financeiros, visto que nos dirigiremos até você.

Ao final da pesquisa, se você desejar, nós poderemos entrar em contato com você para uma sessão de apresentação dos resultados desta pesquisa pelos pesquisadores aos participantes da pesquisa. Caso deseje receber este convite, informe seu endereço de e-mail ao final deste documento. Se você não tiver um e-mail e, ainda assim desejar receber o convite para essa sessão coletiva de apresentação de resultados, informe ao pesquisador, que então tentaremos contato telefônico para o convite. Asseguramos, desde já, que somente usaremos este endereço de e-mail para este fim específico.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Católica de Brasília (UCB), e qualquer assunto relacionado à ele, assim como questões ligadas a possíveis indenizações por danos, também pode ser tratado com os mesmos. O telefone do CEP é (61) 3356-9784 e o Campus I da UCB localiza-se em Águas Claras – Taguatinga/DF.

Qualquer dúvida que você tenha em relação à sua participação pode e deve ser esclarecida junto ao pesquisador que está com você neste momento antes da assinatura deste Termo de Consentimento, no verso desta folha. Dúvidas posteriores podem ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, Prof. Dr. Jorge Hamilton Sampaio, na Universidade Católica de Brasília, Universidade Católica de Brasília, QS 07 – Lote 01, EPCT Bloco L, Sala 25, 71966-700 - Águas Claras – DF, fone: 3356 9038, e-mail: jsampaio@ucb.br

Prof. Dr. Jorge Hamilton Sampaio

EU..... declaro que fui informado e devidamente esclarecido a respeito do projeto de pesquisa intitulado “**Teia da Família: Uma Proposta de Intervenção Psicossociológica com Grupo Multifamiliar na Cidade Estrutural**”, desenvolvido pelo Prof. Dr. Jorge Hamilton Sampaio, Diretor de Programas Comunitários - PROEx da Universidade Católica de Brasília – UCB, quanto aos itens da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Declaro, que após ser esclarecido pelo pesquisador a respeito da pesquisa, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa.

Brasília, dede 2012.

Nome:.....

Data de nascimento:...../...../.....Sexo M () F ()

E-mail (caso deseje receber um convite para sessão de apresentação dos resultados desta pesquisa, ao final dela): _____

Declaração do pesquisador

Declaro, para fins da realização da pesquisa, que cumprirei todas as exigências acima, na qual obtive de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima, qualificado para a realização desta pesquisa.

.....

ANEXO III

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA – UCB
CURSO DE PSICOLOGIA
FICHA DE INSCRIÇÃO DA FAMÍLIA

Nome do Representante:

Idade:

Escolaridade:

Endereço:

Telefone:

Celular:

Nome	Parentesco	Idade	Participará do grupo?
			()Sim ()Não
			()Sim ()Não
			()Sim ()Não
			()Sim ()Não
			()Sim ()Não
			()Sim ()Não
			()Sim ()Não

Que assuntos você gostaria que fossem trabalhados no grupo?

Tabela 01

Indicadores de maior relevância	
Transgeracionalidade	
Repetição de história familiar	17
Mudança de padrão da história familiar	3
Configuração Familiar	
Adoção	5
Irmãos próximos	4
Irmãos distantes ou mortos	4
Tios e primos próximos	0
Tios e primos distantes ou mortos	4
Pais próximos	5
Pais distantes ou mortos	6
Avos próximos	1
Avos distantes ou mortos	3
Instituições	
Religião / Igrejas	20
Escola	14
Justiça / leis	19
Qualidades e habilidades pessoais e relacionais	
Valoriza/qualifica	24
Desvaloriza/Desqualifica	22
Questões Familiares	
Doenças	9
Envolvimento com Drogas	5
Brigas/Desentendimentos	6
Estresse/cansaço	1
Dificuldades financeiras	2
Filhos	
Obediente	5
Desobediência	9
Uso da mentira	4
Más influências (amigos/colegas)	9
Rede de apoio	
Cônjuge	2
Irmãos	5
Pais	3
Amigos	6
Vizinhos	1
Não possui rede	1
Grupo multifamiliar	2
Educação	
Pais rígidos	13
Pais flexíveis	0
Uso de violência física	23
Uso de ameaça verbal	6

Pais relapsos	4
Uso de castigos	13
Uso de diálogo	5
Vigia/controle	8
Organização da rotina familiar	
Possui organização	4
Não possui organização	0
Há momentos de lazer	2
Não há momentos de lazer	2
Tarefas domésticas	5
Passado X Presente	
Passado era melhor	7
Presente está melhor	2
Totais: 315	